

CAPITULO I

LUDOVICO MARCEL

24 de Dezembro de 18...

A Terra era qual lençol de neve e cristalizadas pareciam as árvores marginais do caminho, de cujos galhos pendiam numerosos filetes de gelo.

Céus e terra confundiam-se num espesso nevoeiro. Nem um pio d'ave se ouvia; apenas os corvos famintos ousavam fender o ambiente frígido, ou pousar grasnando no estendal de neve.

Algumas raras casas cobertas de colmo, mais se adivinhavam que entreviam de passagem, pelo fumo espiralando de grossas chaminés.

De horizonte, nem sombra que guiasse a rota dum pobre transeunte mal vestido, conduzindo pela mão uma pequenita dos seus 4 a 5 anos, trêmula e chorosa de frio, e cujas mãozinhas violáceas estavam amortecidas ao rigor da invernia.

De quando em vez, esse homem tomava a filhinha — pois que o era — ao colo, a fim de sacudir-lhe dos sapatinhos a neve acumulada neles e endurecida; mas, tanto que o fazia, para logo era obrigado a pô-la novamente em terra, pois também ao colo os pezinhos como se lhe petrificavam de inação.

— Papai; dizia a todo o instante, chegaremos depressa? Como é longe a casa de vovó, na qual dizes que vou ver a mamãe! Ai que frio e que

fome, papai... Carrega-me ainda uma vez, que eu não posso mais andar...

E o pai a retomava nos braços — tesouro querido — procurando reanimá-la ao fogo dos seus beijos, regando-lhe a loura cabeleira de algumas, certo, amaríssimas lágrimas.

Era um homem moreno, dos seus trinta anos, fisionomia enérgica, mas parecendo momentaneamente abatida por fortes emoções. O seu todo era de um operário, mas operário que largou repentinamente a oficina, mãos enegrecidas e sebosa blusa, como se a precipitação de inesperadas circunstâncias não lhe desse tempo de trocar as vestes.

Quanto à pequena Leonina, essa evidentemente vinha da escola, trazendo num dos bolsos o silabário e uma torturada malha de tricô, tudo de mistura com algumas migalhas de pão. Curto vestidinho que mal resguardava do frio, chapuz e meias, tudo de lã, constituíam todo o seu equipamento em ordem de marcha.

*

* *

Ao longe tangeu, melancólico, um sino e Ludovico Marcel involuntariamente estremeceu.

— Estás ouvindo, Leonina, aquele dobre lento e compassado?

— E' a Ave-Maria, papaizinho.

E dizendo-o, penosamente leva à frente a mão direita para fazer sua prece. "O Anjo do Senhor", começa...

— Sim, o Anjo do Senhor, repete com vivacidade o pai, vem anunciar-me que a minha pobre Maria morreu!

— Não é isso, papai, tu não sabes o teu An-

gelus... "O Anjo do Senhor anunciou a Maria que ela conceberia"...

Mas então já o frio colava-lhe os lábios que ensaiavam balbuciar a prece.

E o sino badalava sempre.

Ludovico estava como desvairado por aquele som lúgubre, os olhos fixos e brilhantes, parecia não mais se preocupar com a inclemência do tempo que minutos antes o intimidava; caminhava a passos largos, enquanto Leonina adormecia-lhe no ombro, murmurando a doce Ave-Maria.